

Defrontando-se com os preconceitos: mulheres e a luta pelo controle do corpo

Rachel Soihet*

Resumo

Em crônica recente, o jornalista Fausto Wolff, focalizando um infanticídio, atribuiu as mazelas das mulheres pobres ao descaso das feministas, para ele *as verdadeiras campeãs do neoliberalismo*. Utilizo tal demonstração de misoginia como mote para uma reconstrução das lutas empreendidas por feministas nos anos 1970/1980 em busca da cidadania plena, na qual se inclui o reconhecimento de seus direitos ao controle do corpo. Nesse particular, destaco os preconceitos enfrentados, até mesmo no seio dos próprios feminismos, num momento em que se priorizava a conscientização das mulheres pobres no que tange à exploração de classe e à luta pela redemocratização do país, então imerso na ditadura. Com a abertura política e o empenho de mulheres em demonstrar a negação imposta a sua sexualidade, consolida-se a consciência da relevância dessa questão, em meio a uma forte carga de pressões que, por meio da zombaria, visavam o descrédito dessas iniciativas.

Palavras-chave: antifeminismo; feminismos; controle do corpo.

Abstract: In recent chronicle, the journalist Fausto Wolff, focalizing an infanticide, attributed the problems of the poor women to the disregard of the feminists, for him "the true champions of the neoliberalism". I use this misogyny demonstration like a motto to the reconstruction of the fights undertaken by feminists in the years 1970/1980 searching for full citizenship, where is included the recognition of their rights to the body control. In this particular, I emphasize the prejudices faced up to, including in the middle of the feminisms themselves, in a moment that the poor women consciousness in relation to the class exploitation and the fight for redemocratization of the country immersed in the dictatorship. With the political liberalization and the commitment of women to show the negation imposed to their sexuality is consolidated the consciousness of the relevance of this question, in the middle of a strong charge of pressures, that trough the mockery aim for the discredit of these initiative.

Key Words: antifeminism - feminisms - body control

Inacreditavelmente, há poucos meses atrás, folheando o Jornal do Brasil, me deparei com uma crônica de Fausto Wolff, na qual ele relata um drama que testemunhara ao sair de um restaurante em Ipanema, na raiz da favela, quando se deparou com um bebê morto numa lata de lixo. Tal fato teria lhe provoca pesadelos terríveis “com uma jovem esgueirando-se na escuridão para depositar seu filho morto entre outros restos da realidade”. Uma idéia lhe ocorrera: “Se pelo menos o olhar das feministas se voltasse para essas mulheres”. Em seguida, lembra que ao surgir o movimento feminista ele teria acentuado: “Se querem imitar os homens, que pelo menos imitem

* Profª do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense – UFF; Pesquisadora 1B do CNPq. Participaram dessa pesquisa as bolsistas de Iniciação Científica do CNPq Flávia Copio Esteves, Cecília Chagas de Mesquita e do PIBIC Sabrina Machado Campos e Érika da Silva Ferreira.

os homens decentes”. No que completava: “Hoje sabemos que aconteceu o contrário”. E, continua sua peroração:

a maioria das mulheres de classe média deixou uma babá eletrônica em casa e foi disputar o mercado de trabalho (...) embora não o saibam, são as verdadeiras campeãs do neoliberalismo. Aceitam uma paga sempre menor do que do que a do candidato homem, pois pelo menos as casadas, têm marido e o salário dele. As solteiras têm noivos, namorados, moram com pais ou dividem o apartamento com uma amiga. (...) e as filhas das feministas mais broadminded, quando são bonitinhas, dão sempre um jeito de engravidar de algum riquíssimo jogador de futebol, roqueiro, tenista, piloto de corridas e assim por diante. É a prostituição light. As feias continuam sendo as professorinhas, as empregadas domésticas, copeiras, enfermeiras, as balconistas, as caixas de banco. (...) a grande revolução feminista redundou na mulher objeto a serviço dos ricos de sempre. Às vezes bem pagas, deixando a alma e o caráter no caminho. Quase sempre mal pagas e sempre mal comidas¹.

Seu autor joga no lixo as conquistas obtidas pelas mulheres na luta que desenvolveram, mais acentuadamente, desde fins dos anos 1960 aos anos 1980 que lhes permitiram contribuir para uma mudança cultural, em termos, de priorizar o estudo e o trabalho com vista à sua transformação em sujeito de sua existência. Sem esquecer a especial contribuição daqueles feminismos em termos da mudança da tradicional concepção de política, trazendo à tona temas até então relegados à sombra, mantidos na estrita esfera da individualidade. Entre eles, ressaltam-se as questões relativas ao corpo, à sexualidade, a valorização da subjetividade, o caráter político da vivência pessoal, acentuando a interpenetração entre público e privado e específico e geral, ampliando-se, assim, o espectro das culturas políticas até então vigentes.

Naqueles anos, emergira nos Estados Unidos uma nova vaga feminista, em meio à rebelião contracultural, caracterizada pela contestação aos valores tradicionais e à sociedade de consumo, propondo uma série de mudanças em termos de comportamento, acompanhada pela luta dos negros em busca dos direitos civis e pelos protestos contra a guerra do Vietnã. Tal efervescência se manifestava, igualmente, em muitos países da Europa, especialmente, na França, dos quais tornaram-se emblemáticos os acontecimentos de Maio de 1968.² No Brasil, o reflorescimento feminista ocorreu numa realidade diversa, em pleno governo militar que ascendera ao poder com o golpe de 1964, o que concorreu para que este assumisse características peculiares. De um lado, enfrentou a oposição do governo que via com desconfiança qualquer forma de organização da sociedade³; de outro, dos grupos de esquerda que consideravam que a luta deveria se polarizar

¹ Fausto Wolff. “Restos da realidade” *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jul. 2005, Caderno B.

² Marcelo Ridenti. “1968: Rebeliões e Utopias” In REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.) *O Século XX. Vol. 3 - O Tempo das Dúvidas – Do declínio das utopias à globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

³ Foi encontrada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, no Fundo Polícias Políticas no Rio de Janeiro, uma significativa documentação do DOPS, na qual pode ser verificado o acompanhamento das atividades do feminismo,

contra o governo autoritário e a desigualdade de classes aqui vigente, além de inúmeros desses grupos considerarem o feminismo como um fenômeno burguês. Destaque-se, nesse particular, o jornal alternativo *O Pasquim*, que ao mesmo tempo em que se opunha ao regime através da ridicularização, voltava sua mordacidade, igualmente, para as mulheres que se decidiram pela luta com vistas a atingirem direitos, ou que assumiam atitudes consideradas como inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Ridicularizavam as militantes, utilizando-se dos rótulos de "masculinizadas, feias, despeitadas", quando não de "depravadas, promíscuas", através dos quais conseguiam tais articulistas grande repercussão. Depreende-se dessa conduta o temor da perda do predomínio masculino nas relações de poder entre os gêneros, no que evidenciavam forte conservadorismo, contrastante com a atitude vista como libertária de alguns desses elementos em outras situações. E o citado autor fora um dos mais destacados componentes daquele jornal, cujo discurso agora reeditava, o que só poderia se manifestar como uma farsa, lembrando as reflexões de célebre pensador (MARX, 1974: 335).

Nesse sentido, não apenas com vista a reconhecer o empenho daquelas mulheres em garantir direitos que lhes eram negados, muitos dos quais conquistados, garantindo os seus benefícios às novas gerações, como para colocar as coisas em seu devido lugar, inclusive para retrucar afirmativas do teor acima exposto, cabe uma retrospectiva das lutas então travadas. Naquela conjuntura, além das demandas pelos direitos sociais, novas questões foram colocadas pelas mulheres em suas pautas de reivindicações, distintas daquelas de feminismos anteriores, expressando o momento histórico em que estavam inseridas⁴. Nesse sentido, as "políticas do corpo" assumiram, naquele momento caráter significativo, manifestando-se as reivindicações em favor dos direitos de reprodução, buscando a plena assunção do corpo e da sexualidade e insurgindo-se contra a violência sexual, não mais admitindo que esta fosse uma questão restrita ao privado cabendo a sua extensão ao público (ERGAS, 1994: 601).

Por outro lado, mesmo no interior do feminismo, no caso do Brasil, no Centro da Mulher Brasileira – CMB do Rio de Janeiro, inúmeras foram as dificuldades enfrentadas na colocação dessa questão. Em coerência com o maior número de sócias a agenda feminista, naquele primeiro momento, destacava as questões sócio-econômicas, como a inferioridade salarial, a dupla jornada, a falta de creches etc.⁵ (MANINI, 1995/1996: 50). Além dessa questão sobreleva a preocupação com

atrelando-o à conspiração comunista internacional. Entre outros: "Encontro do Movimento de Mulheres no Brasil" Informação nº 1303 DI/DGE. Rio de Janeiro, 05 Ago 1981.

⁴ A primeira vaga feminista desenvolveu-se a partir da segunda metade do século XIX, quando as mulheres lutaram para obter o direito à educação, ao voto, ao trabalho, aos direitos civis. Destacou-se no Brasil a campanha liderada por Bertha Lutz, entre 1919 e os anos 1930.

⁵ Esta seria uma opção não apenas do CMB, como das feministas que compunham os jornais Brasil-Mulher e Nós mulheres.

a reforma do Código Civil, além do engajamento, na luta pela libertação dos presos políticos, através de apoio ao Movimento Feminino pela Anistia – MFA. Nesse sentido, outros temas vistos como fundamentais quanto à opressão das mulheres, tais como aqueles relativos ao corpo, bem como daqueles voltados para a discussão sobre a assimetria de poder nas relações entre homens e mulheres, enfatizando problemáticas ligadas à subjetividade e às relações interpessoais, aspectos privilegiados nas reivindicações dos feminismos nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, eram evitados pelos motivos já expostos.

Insatisfações se fizeram sentir, dando lugar a afastamentos de algumas das sócias, inclusive, fundadoras. Em fins de 1978, diante da realização de eleições, as mulheres mais comprometidas com a política partidária escassearam no Centro, fato que deu margem à reaproximação daquelas que divergiam da linha predominante, o que coincidiu com a entrada no CMB de novas sócias com experiência de participação em movimentos de liberação em outros países⁶. Tal fato, aliado à perspectiva do I Encontro Nacional de Mulheres programado para 1979, deu novo ânimo, segundo Malu, uma das que se reaproximaram, a que buscassem “fazer algo no Brasil para divulgar o aborto e a contracepção, o que desencadeou uma briga inacreditável”⁷. A física Lígia Maria Coelho Rodrigues relata seus primeiros contatos com o Centro, ao retornar da França no início de 1979, onde se “convertera” à causa feminista, ressaltando sua surpresa, diante da ausência de questões como a violência contra a mulher e a sexualidade. Ao sugerir a inclusão do tema da violência, obteve como resposta de uma das componentes do CMB: “Aqui no Brasil é diferente da França. Aqui no Brasil mulher que apanha do marido é porque gosta”⁸.

Realizadas as eleições voltaram as militantes ao Centro para a organização do referido encontro, a se realizar a 8, 9 e 10 de março de 1979, tornando-se o clima extremamente tenso nas assembléias gerais, diante da proposta de seminários sobre os temas: “livre apropriação do corpo da mulher” e “violência”. Enfim, apesar das resistências, os temas, com exceção do aborto, foram incorporados e das oito comissões, nas quais se repartiram 400 mulheres, duas voltavam-se para a sexualidade e para a violência⁹. Não obstante essa vitória, um grupo de mulheres, após uma assembléia que rejeitou a sua proposta de uma estrutura mais descentralizada para o CMB, decidiu-se pelo desligamento do mesmo em abril de 1979, surgindo o Coletivo de Mulheres, do qual se despreendeu em 1981 uma outra organização voltada para a violência contra as mulheres, o SOS

⁶ Algumas vindas de Paris, como a física Lígia Maria de Souza Coelho Rodrigues. Também foi o caso de duas antropólogas, uma italiana, Bruna Franchetto e outra americana, Leni Silverstein, além de uma jornalista holandesa Dorinne, Annete Goldberg. op. cit, p. 137.

⁷ Depoimento Malu In: GOLDBERG, Annete. *Feminismo e autoritarismo: A metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – IFCS-UFRJ, Rio de Janeiro, 1987, p. 138/139.

⁸ Entrevista de Lígia Maria Coelho Rodrigues concedida à autora em 1 fev. 2005.

⁹ “Em vez de praia: discussão” *Jornal Lâmpião da Esquina*, abril de 1979, apresenta matéria sobre a abordagem da sexualidade no Encontro. Sobre a Comissão de Violência, entrevista citada.

Mulher¹⁰. Por outro lado, constata-se que o CMB, após a cisão, passa a incorporar reivindicações das demais tendências, questões outrora combatidas com afinco, como aquelas do aborto e da violência contra as mulheres, passaram a integrar as preocupações do CMB, não apenas através da participação de algumas de suas componentes, mas de decisões em Assembléias Gerais¹¹. Tal mudança é confirmada pela física Lígia Maria de Souza Coelho Rodrigues: “Não, aí depois que o Coletivo se firmou, o CMB mudou. E depois de algum tempo. A gente fazia tudo, todo mundo junto”, o que se ratifica com as investigações em jornais da época.

Sem dúvida, a conjuntura revelava-se mais favorável à emergência de tais manifestações e a consolidação de suas propostas com a abertura política intensificada através da aprovação da Lei da Anistia pelo Congresso em 28 de agosto de 1979. Fato que possibilitou a volta das exiladas com viva influência dos feminismos, especialmente europeus, o que, aliado à experiência daquelas que permaneceram no país nos anos 1970 e que construíram os feminismos locais, deu a esses movimentos uma nova configuração. Igualmente, a anistia representou uma época de maior liberalização, menos repressão e mais possibilidades de manifestação, inclusive porque o AI-5 não mais estava em vigor (SARTI, 2004:40).

Particularmente, a reivindicação em prol de medidas legislativas pela liberação do aborto galvanizara as feministas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos desde o início dos anos 1970. No Brasil, a mobilização a favor do aborto teve início, a partir de um episódio, ocorrido a 08 de janeiro de 1980, envolvendo a prisão em flagrante de um médico e de duas jovens que recorreram a esta prática numa clínica em Jacarepaguá¹². Tomaram, inicialmente, conhecimento do ato um grupo de mulheres, membros do CMB, que decidiram organizar uma manifestação, esta ocorre no dia 16 e dela fizeram parte outras mulheres do próprio CMB, Coletivo de Mulheres, Sociedade Brasil Mulher e departamentos femininos de entidades estudantis. Visavam à liberação das pessoas envolvidas, desenvolvendo ampla movimentação a fim de obter um contato com o juiz Alberto Mota Moraes, encarregado do processo contra os envolvidos e que se confessava contrário ao aborto, uma “violência contra os direitos humanos do nascituro”. Este se recusou a recebê-las, ameaçando-as de prisão.¹³ Na ocasião, as manifestantes distribuíram um manifesto no qual protestavam contra a ilegalidade do aborto, contra a política de natalidade do governo, pelo direito de abortar como último recurso, assim como pelo direito de optar por ter ou não ter filhos¹⁴. Além

¹⁰ Ata da Assembléia Geral 21 de abril de 1979. Entrevista Lígia Maria Coelho Rodrigues.

¹¹ Entrevista Hildete Pereira de Melo. Já na assembléia de 3 de agosto de 1979 o grupo “Mulher e Saúde” declara sua intenção de produzir um caderno sobre métodos anticoncepcionais, a de 18 de outubro de 1980 denuncia a violência contra a mulher.

¹² “Aborto-Solidariedade Internacional” *Movimento*. 14 de abril 1980

¹³ “Feministas vão a Juiz pedir liberdade para equipe que faz aborto”. *Ultima Hora*. 17.01.1980.

¹⁴ Maria Alice Rocha. “A legalização do aborto - que tome a palavra a mulher” *Movimento*. 25.02.1980.

disso, as entidades feministas que promoveram a manifestação se comprometeram a dar apoio às mulheres, envolvidas através de duas advogadas colocadas à disposição do caso.

A questão torna-se tão candente que atrai o interesse dos órgãos encarregados da informação do governo militar, cujo documento informa a ida de mulheres, identificadas como militantes comunistas, membros do CMB, ao “Fantástico” da Rede Globo a 27 de janeiro de 1980 para uma entrevista sobre a legalização do aborto. Conclui o documento que essa campanha teria “origem e vínculo com o movimento comunista internacional”¹⁵. Algo risível, no caso, já que as grandes campanhas em prol do aborto têm suas matrizes em países, como os Estados Unidos e aqueles da Europa Ocidental, centros do capitalismo hegemônico. Além do que no Brasil, pelas razões já comentadas, o Partido Comunista opunha-se a esta campanha naquele momento.

Procurou-se, igualmente, atingir as mulheres dos segmentos populares, através de panfletagens na Feira da Glória denunciando a criminalização do aborto, buscando apoio para essa causa. Igualmente, Para marcar o “dia de ação internacional”, integrantes do Centro da Mulher Brasileira distribuíram panfletos em três praças da zona sul – a Praça Nossa Senhora da Paz, o Lido e o Largo do Machado. Um cartaz apresentava as palavras de ordem: “Que as mulheres decidam. Nosso corpo nos pertence”.¹⁶ Aliás, este lema foi motivo de acirrada polêmica com Ziraldo, um dos principais componentes de *O Pasquim*. Este fizera uma *charge* publicada no *Jornal do Brasil*, na qual invertera o significado do mesmo, valendo-se de um dos recursos corriqueiros com relação à representação das mulheres, quando se buscava sua desqualificação. Nesse sentido, ao lado do dístico lançado pelas feministas, apresentava uma mulher com formas das mais exuberantes exaltando a sua nudez. Tal fato provocou indignação de feministas envolvidas na causa, diante da importância que atribuíam à questão e das dificuldades que enfrentavam para propagá-la.

Um pequeno grupo decidiu vingar-se pichando o muro de sua casa com a frase: “Ziraldo, o Doca Street do humor”, provocando uma série de protestos do cartunista que afirmava conhecer algumas feministas brasileiras que lhe pareciam

*apesar de profundamente neuróticas, agressivas e carentes, bastante inteligentes e até mesmo brilhantes. São em geral, muito bem informadas, cheias de cursos e diplomas. Como, porém, a maioria das pessoas que se informam deformadamente, não conseguem transar bem a chamada decodificação da mensagem humorística.*¹⁷

E a partir daí várias matérias se sucederam, externando este sua preocupação de que seu endereço que não figurava no catálogo telefônico, se tornara público sentindo-se ameaçados ele e

¹⁵ Dossiê produzido pelo Centro Informação de Segurança da Aeronáutica (...) emitido pelo Serviço de Informações do Departamento da Polícia Federal do Rio de Janeiro ao DGIE de São Paulo. As mulheres citadas pelo documento são: Branca Moreira Alves, Comba Marques Porto, Hildete Pereira de Melo, Jacqueline Pitanguy e Lígia, cujo sobrenome não é identificado, mas que nos parece ser Ligia Rodrigues, nossa entrevistada e envolvida na questão, a qual na ocasião era membro do Coletivo de Mulheres.

¹⁶ “Mulheres vão à rua pelo direito de fazer o aborto”. *Jornal do Brasil*. 17 maio 1981.

¹⁷ Ziraldo. “O Piche” *O Pasquim*. Rio de Janeiro, 3 a 9 de outubro de 1980, nº 588, p.8

sua família, naquele momento de tensão política. Logo a seguir, em outra crônica, reiterava: “Abaixo o feminismo de Direita!!!” alegando “eu não sou contra a mulher; eu sou é contra burrice!, censurando o fato de que a “ação” tivesse sido feita em sintonia com a revista *Isto É*”¹⁸. E a “vingança” foi demolidora, presente em uma série de *charges*¹⁹. Numa delas, é informado serem três os mentores: “duas mulheres feias e uma pessoa do sexo masculino ao volante...”. Este último, perguntado como aceitara a incumbência de “dirigir Fusca de madrugada para feminista pichar muro”, responde: “Meu sonho mesmo era trabalhar no *Lampião*”. Dessa forma não só aproveitava Ziraldo para apontar o supremo pecado das mulheres, a sua feiúra, como insinuava ser homossexual, o homem supostamente envolvido, revelando igualmente o preconceito contra esses segmentos. A questão parecia encerrar-se com uma entrevista com feministas do Centro da Mulher Brasileira²⁰. Nela, ao entrevistar a socióloga Moema Toscano, uma das fundadoras do CMB, em 1975, Ziraldo aproveita para retornar aos estereótipos, questionando: “Você é uma mulher bonita. Como é que mulher bonita vira feminista?”. Ao que Moema replica delicadamente, não entrando no jogo, sobre a necessidade de se abandonar a idéia de que a opção pelo feminismo resulta de frustração.

Mas, dois anos depois, Ziraldo ainda ruminava sobre o ocorrido. Numa entrevista em sua casa, indagado por Jaguar da razão de ser odiado pelas feministas, replica que “(...) o Pasquim é que virou símbolo do antifeminismo”. E, referindo-se ao episódio, como de hábito naqueles que visavam desacreditar as reivindicações feministas, recorria ao velho recurso de considerá-las um fenômeno importado, além da recorrente alusão à despreocupação das feministas com a desigualdade entre as mulheres.

*(...) o feminismo é tão atabalhado como qualquer outro movimento novo
(...) O Pasquim caiu de pau no feminismo pelo lado grotesco da proposta,
porque o feminismo brasileiro, na verdade, foi uma importação de postura.
Ora, vir com esse papo de igualdade? É o cacete! E a mulher da favela?
Agner e Hubert têm uma charge de uma empregada dizendo ‘Madame,
chegou a hora do teu programa’. Na TV, um programa feminista. Não acho
ruim o movimento porque gosto de tudo que é novo. Tô aberto. Mas admito a
hipótese de serem atabalhadas como crianças, metendo os pés pelas
mãos.*²¹

Mais adiante, em outra peroração, volta a atacar as feministas e, como outros, atribui a presença do movimento no Brasil a uma tendência de imitação: “São umas babacas, idiotas, compradoras de emoção! Preferem importar do que viver”. E aproveitava para descarregar seu moralismo: “Não adianta fazer feminismo enquanto as mulheres estiverem despojando de seus

¹⁸ Ziraldo. “Abaixo o feminismo de direita”. *O Pasquim*. Rio de Janeiro, 17 a 23 de outubro de 1980, nº590, p.7.

¹⁹ Ziraldo “quatro páginas de Ziraldo Pinto, o machista” *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 10 a 16 de outubro de 1980, nº589, p. 14 e 15.

²⁰ *O Pasquim*. Rio de Janeiro, 17 a 23 de outubro de 1980, nº590.

²¹ Entrevista com Ziraldo. *O Pasquim*, Ano XIV, nº 704, RJ, 23/12 a 29/12/1982, p. 8-13.

corpos nus e entregando para os outros”, além de acentuar um velho argumento de que as feministas “partem de uma premissa errada. Não existe nenhuma luta pela igualdade. O feminino e o masculino são duas coisas distintas”²². Afirmação que se coadunava com uma outra feita alguns anos antes, quando rebatia uma colocação de Betty Friedan, em que ela enfatizava a importância de que *devíamos deixar de nos ver através de categorias sexuais para nos ver apenas como seres humanos [...] capazes de livremente nos amar, uns aos outros* (FRIEDAN, 1976:76), Ziraldo retruca: *No ato sexual, nós realmente precisamos uma certa submissão da mulher. Isso não é apenas uma tradição: é importante para nós.*

Apesar desse contexto manifestamente hostil, as feministas conseguiram assegurar inúmeras conquistas, observando-se uma profunda mudança cultural acerca das posições femininas na sociedade. Por outro lado, no que tange ao controle sobre o seu corpo, não foram alcançadas todas as suas reivindicações, em especial com relação ao aborto. E, não obstante as acusações de que essa seria uma demanda das mulheres dos segmentos médios, sobretudo as mulheres pobres seriam as suas grandes beneficiadas. Isso porque, no caso de uma gravidez indesejada, elas são obrigadas a recorrer aos métodos mais precários, com grave prejuízo de sua saúde. Nesse sentido, rechaça-se a pecha que ainda hoje se pretende impingir às feministas, de serem as responsáveis pelas vicissitudes por que passam aquelas desprovidas de recursos, como de forma malévola o faz o conhecido articulista, cuja crônica dá início a esta reflexão.

Com o processo de “abertura política”, em fins da década de 1970, vieram à tona as questões que até então haviam se mantido encobertas pelo temor de prejudicar uma causa mais urgente, aquela da democratização do país. Consolidou-se a consciência de que a igualdade propalada entre mulheres e homens era mais uma retórica, e as mulheres defrontaram-se com a questão da necessária articulação entre a luta contra as condições objetivas da opressão social e a reflexão a respeito das relações interpessoais. Assim, urgia contemplar a questão da subjetividade num terreno em que a base economicista, por si só, era insuficiente para a resolução dessa contradição. Mulheres que apresentavam fortes discordâncias, muitas considerando a prioridade de causas mais voltadas para problemáticas ligadas ao trabalho e à exploração das mulheres pobres, em determinado momento despertaram, também, para questões até então vistas como secundárias. Passaram, como expressa Lígia Rodrigues, a valorizar a *importância de entender a sua própria vivência, e as questões propriamente feministas, [...] a questão da sexualidade, a questão da violência contra a mulher e o problema das relações cotidianas com os homens*. Ou seja, os desencontros anteriores dão lugar a encontros como resultado da emergência de uma consciência de gênero que lhes faz perceber outras desigualdades, além daquelas de classe. E, assim, completa Lígia: *Muitas ali, que*

²² Idem, Ibidem.

no primeiro momento resistiram, depois entraram totalmente nessas questões todas, com força total.

Referências Bibliográficas

- ERGAS, Yasmine. “O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994, v. 5, p. 601.
- FRIEDAN, Betty *As grandes entrevistas do Pasquim*, 2. edição, Petrópolis: Ed. Vozes, 1976.
- MANINI, Daniela. “A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80” *Cadernos AEL N.3/4*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1995/1996.
- MARX, Karl. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” In: *Os Pensadores XXXV*. 1ª edição. São Paulo, 1974, p. 335.
- RIDENTI Marcelo. “1968: Rebeliões e Utopias” In REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge & ZENHA, Celeste (orgs.) *O Século XX. Vol. 3 - O Tempo das Dúvidas – Do declínio das utopias à globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SARTI, Cynthia Andersen. “O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória” *Estudos Feministas*. Florianópolis, 12 (2), CFH/CCE/UFSC, 2004.
- VARIKAS, Eleni. “O Pessoal é Político’: desventuras de uma promessa subversiva”. *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, 1997.

Periódicos

Jornal do Brasil
Lampião da Esquina
Movimento
O Pasquim
Última Hora